

ARTE E SAÚDE: MUITO ALÉM DA TERAPIA

Flávia de Macedo Cavallini

CAPS ad Laranjeiras, PMS

Palavras-chave: *arte; transdisciplinaridade, saúde, CAPS*

1. Introdução

A partir da própria vivência institucional como artista plástica atuante num Centro de Atenção Psicossocial do município de Serra, Espírito Santo, pretendo tecer algumas considerações acerca da possibilidade de um trabalho transdisciplinar, assim como refletir sobre o papel do artista ou do arte-educador enquanto sujeito facilitador de devires estéticos em instituições de saúde.

2. CAPS e transdisciplinaridade

Ingressei no cargo de “artista plástico” na Prefeitura da Serra mediante concurso público em 2006 e fui lotada, para minha surpresa, na Secretaria de Saúde. No momento da minha posse fiquei sabendo que atuaria num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), voltado para cuidados relacionados ao uso abusivo de álcool e outras drogas. Vim a conhecer, então, os profissionais, em sua grande maioria da área específica da saúde, que faziam parte da equipe multidisciplinar a compor o corpo técnico do CAPS: psicólogos, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, farmacêutico e técnicos de enfermagem. Proveniente de área diversa, havíamos eu, uma arte-educadora, uma professora de música e um educador físico (os chamadosicineiros), além dos auxiliares administrativos e de serviços gerais.

Nosso primeiro, grande e constante desafio foi e vem sendo o de nos abrir constan-



temente ao que nos traz o outro. “A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa.” (CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE. Carta da Transdisciplinaridade. Portugal, 1994, Art.3).

Para mim isso significaria compreender o sujeito e a realidade circundante de forma mais integral possível, já que seria necessária uma nova organização do pensamento a fim de integrar e ao mesmo tempo ultrapassar todas as particularidades inerentes às ideologias daquele campo de atuação. As estranhezas, ideias preconcebidas e incompreensões relacionadas a áreas tão divergentes de conhecimento foram cedendo lugar para a curiosidade, a tolerância e a incorporação de novas produções de pensamento, não sem conflitos, no entanto, e percebendo que ainda o modelo biológico e positivista é o prevalente na saúde.

Mas o que vem a ser CAPS? Os Centros de Atenção Psicossociais surgiram na década de oitenta no Brasil, orientados pela Reforma Psiquiátrica, estabelecendo-se como dispositivos estratégicos para a organização da rede de atenção em saúde mental, visando uma rede substitutiva ao Hospital Psiquiátrico. Em 1989 o Projeto de Lei do deputado Paulo Delgado (PT/MG) ¹ propõe a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país. A partir do ano de 1992, os movimentos sociais, inspirados por esse projeto de lei, conseguem aprovar as primeiras leis que determinam a substituição dos leitos psiquiátricos por uma rede integrada de atenção à saúde mental. Essa rede, primeiramente voltada aos portadores de transtornos mentais e mais tarde às pessoas que sofrem em decorrência do uso abusivo de substâncias psicoativas, traduzem-se hoje a formas de tratamento que possuem como paradigmas o exercício da cidadania, a inclusão e a reinserção social, evitando ao máximo práticas consagradas de internação e isolamento.

3.As oficinas de artes no CAPS

O começo do trabalho no CAPS, no entanto, foi difícil para grande parte da equipe; essa dificuldade estava, de certa forma, vinculada ao receio em lidar com a clientela específica, cuja natureza, a de pessoas com grande vulnerabilidade social, jun -

tamente com a questão da dependência química, já caracteriza desconforto devido à sua associação midiática com o problema da violência, produzindo, em maior ou menor grau, fantasias e preconceitos que muitas vezes acabam norteando práticas excludentes.

Somado a isso, nós, os chamados oicineiros, ainda tínhamos que conviver com a demora da entrega de materiais para nossas oficinas, levando-nos a constantes improvisações, condições de trabalho diferenciadas dos outros profissionais (como por exemplo o não recebimento do adicional de insalubridade por um longo tempo) e a demanda dos nossos colegas que mantinham a expectativa de que nos adequássemos em categorias como “arteterapia”, “musicoterapia” e ains, até pelo fato de estarmos inseridos num ambiente voltado para cuidados de pessoas que procuravam alívio para o sofrimento psíquico e que não buscavam, à primeira vista, uma fruição estética.

A partir daí senti a necessidade de me apropriar mais das minhas ferramentas de trabalho, por entender que as vivências artísticas em qualquer ambiente, seja no ateliê do artista, em instituições de saúde ou de educação devam ser potencializadoras, carregadas de vida, estruturantes, criativas, questionadoras, para que não se transformem em mera atividade ocupacional ou ferramenta puramente terapêutica.

Esse lugar de encontro, essa produção constante de devires, foi acontecendo nas ofertas de atividades que fomos construindo junto às necessidades, sempre mutáveis, dos grupos de pessoas que usufruíram do CAPS — oficinas de pintura sobre telas e outros suportes, oficinas de mosaico, de fotografia, de poesia e ilustração, de fotonovela, mas não só isso: a circulação pela cidade, ou melhor, pelas cidades que compõem a Grande Vitória para absorver, integrar e transformar o que de estético era oferecido.

Assim, os usuários do serviço passaram a circular pelos espaços do Palácio Anchieta, Museu de Arte Dionísio Del Santo (MAES), Teatro Carlos Gomes, Escola de teatro e dança FAFI, Museu da Vale, Galeria Virgínia Tamanini, Galeria Homero Massena, Centro de Artes, Galeria de Arte e Pesquisa, Galeria Espaço Universitário (na UFES), Museu Histórico da Serra, Casa do Congo, Casa de Pedra (na Serra), Museu Homero Massena, Convento da Penha e Centro Histórico da Prainha (em Vila Velha).

Puderam apreciar e discutir as exposições de Camille Claudel e Rodin, Michelangelo, Regina Silveira, Hilal Sami Hilal, Mestres Espanhóis, Mestres Franceses, Meditações Extravagantes, entre muitas outras. Passaram também a incorporar elementos das artes moderna e contemporânea em suas próprias experimentações artísticas, criando composições que foram além de suas questões de crivo pessoal e naturalizações culturais.

Em 2007 eu e a arte-educadora Waleska Brandião Metzker, com apoio de toda equipe do CAPS, organizamos a I Mostra Artística na Biblioteca de Valparaíso, contando com efetiva participação da comunidade de Laranjeiras e, desde então, as produções dos usuários das nossas oficinas têm participado de vários eventos, promovidos pelo CAPS ou por outras instituições. Esse ano haverá nova mostra artística na mesma biblioteca, onde serão expostas obras de pintura, colagem e objetos, inspirados livremente nos movimentos cubista, expressionista, na arte naif e em várias outras linguagens.

4. Conclusão

Evidentemente essas vivências, extremamente novas e dinâmicas para as pessoas que chegam ao CAPS ad Laranjeiras não se dão por meio do ensino artístico formal e acadêmico; misturam-se às suas próprias convicções a respeito do que vem a ser arte, tecendo uma grande colcha de retalhos que encontra sentidos diversos, em alguns momentos incoerentes e alógicos, mas que por sua vez ultrapassam os enrijecimentos e cristalizações produzidas por cada um de nós no decorrer de nossa existência.

O “rumor teórico”, ou melhor, esses elementos dóxicos, que ao mesmo tempo generalizam as teorias existentes acerca da arte sob forma de opiniões, mas que não ganham status de conhecimento, traduzem-se como instrumento importante para a permanência da arte nas relações e na vida cotidiana.

Não é, pois, tanto ‘opinião’ — termo que significa pejorativamente humores, caprichos e gostos individuais sem relação com o razoável, lutuando segundo variações da moda —, mas, sim, muito ao contrário, construção pacientemente elaborada nos ateliês do imaginário, saída de um terreno comum, o dos pensamentos que foram se formando no contato com as práticas e pouco a pouco adquiriram, ao se superpor por estratos, o porte de um

palimpsesto, de uma estrutura geológica estratificada, muitas vezes milenar, tão sólida quanto a rocha. Sobre a qual, como um templo, eleva-se, erige-se nossa inabalável crença na arte. (CAUQUELIN, Anne. Teorias da Arte. São Paulo: Martins, 2005, p.170)

Dessa forma constroem-se pensamentos, sensibilidades, imagens, relações, devires que se somam, transformam-se e constituem-se enquanto processos de criação, muitas vezes distantes do discurso acadêmico, porém carregados de sentidos e de identidades.

1 O Projeto de Lei do deputado Paulo Delgado (PT/MG), de 1989, propôs a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no Brasil. Porém somente no ano de 2001, após 12 anos de tramitação no Congresso Nacional, que a Lei Federal 10.216 é sancionada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Projeto de Lei 3657, 1989.

CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE. Carta da Transdisciplinaridade. Primeiro Convento de Arrábida, Portugal, 1994.

CAUQUELIN, Anne. Teorias da Arte. São Paulo: Martins, 2005.

Flávia de Macedo Cavallini é artista plástica, graduada em Psicologia e em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Desde 2006 exerce o cargo de Artista Plástico no Centro de Atenção Psicossocial - álcool e outras drogas CAPS ad Laranjeiras, da Prefeitura da Serra.

E-mail: laviademacedo@gmail.com

Blogs: <http://laviademacedo.blogspot.com> / <http://artedrogaseloucura.blogspot.com>